

**Valor Econômico – 23/01/2015**  
**Atrasos de usinas também explicam o risco de apagão**



O risco de racionamento de energia não é explicado apenas por fatores climáticos. A situação crítica evidencia falhas na execução do planejamento energético elaborado pelo governo. O Plano Decenal de Energia (2006-2015), formulado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), estatal criada no governo Lula para conceber o planejamento do setor, mostra que pelo menos 33 hidrelétricas previstas para entrar em operação até este ano não saíram do papel ou tiveram o cronograma postergado.

Esses empreendimentos aumentariam a capacidade instalada em 11.855 megawatts (MW), volume equivalente a quase 10% da capacidade do parque gerador brasileiro e que supera a potência da hidrelétrica de Belo Monte, de 11.233 MW, principal obra em curso no país e que só perde em tamanho para Itaipu Binacional, que possui 14 mil MW.

Localizada no rio Xingu (PA), Belo Monte constava do primeiro PDE do governo Lula. No documento, estava previsto que a usina teria capacidade de 5,5 mil MW já disponível em dezembro de 2013. A usina, porém, foi licitada apenas em 2010. De acordo com relatório de fiscalização da Agência Nacional de Energia Elétrica, o projeto está novamente atrasado.

Além de Belo Monte, outras duas usinas do PDE - Baixo Iguaçu (350 MW), no Paraná, e São Roque (135 MW), em Santa Catarina - foram licitadas e estão em construção. A primeira tem situação mais delicada, pois as obras estão interrompidas por questões ambientais. Já São Roque está em implantação e deve entrar em operação em 2016.

Especialistas afirmam que os principais motivos para o atraso das obras são entraves ambientais e jurídicos. Outro problema, segundo **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**, é o fato de a EPE dar prioridade a hidrelétricas de grande porte, mais complexas do ponto de vista ambiental, em detrimento de muitos projetos de médio porte, que estão praticamente paralisados.